

## A Denegação, os Impérios, a Ficção...

MD Magno

Transcrição da seção 22 dos *SóPapos 2017*,  
realizada em 25 novembro na UniverCidadeDeDeus,  
sede da NovaMente.

**1.** Denegação e Brasil – Estamos saindo do Terceiro para o Quarto Império – Uma minoria está produzindo a dissolução, a entrada do Quarto Império – Julio Cesar se encaminhava para um Terceiro Império leigo – Não se vai parar a tecnologia, ela dá muito tesão – No Quarto Império haverá uma contenção férrea junto com uma disponibilidade total. **2.** Para a *Fixão*, a diferença entre ficções mais ou menos fictícias é apenas funcional.

### 1

O problema não é haver denegação, e sim que quase só *há denegação*. A maioria denega noite e dia. Se não, se mataria... É preciso lembrar que a denegação tem o lado – não sei se positivo – de manter muita gente viva. Quantos podem encarar a suposta realidade? Basta andar na rua para ver, sobretudo mulheres – que ainda têm mais permissão que os homens para fazer merda –, como se vestem. Quase todos de maneira denegatória, sem se

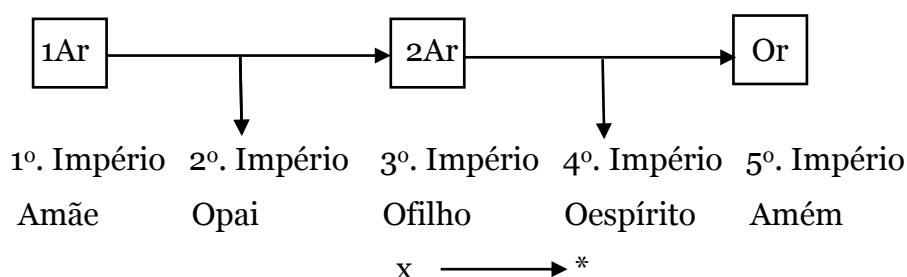
enxergar fisicamente: como se fossem sílfides ou garotões esguios. São caricaturas. Observem a ausência generalizada de *semancol*. Aliás, melhor, observem o próprio rabo. A falta de *semancol* corresponde à não percepção de si – portanto, faz parte do processo denegatório. Num país sem educação como o Brasil, é mais evidente ainda. Não se pode falar disto muito claramente, pois as pessoas não concordarão e não quererão ouvir.

• P – *Essa má educação é por falta de investimento ou é um processo religioso? A maioria parece acreditar que a religião educa.*

Sempre foi assim. Antigamente, víamos pessoas muito bem-educadas catolicamente, por exemplo. Nem isto há mais. Hoje, o destrambelhamento é genérico e sem princípio algum de civilidade. A pessoa poderia, por exemplo, ser neurótica enquanto bem-educada, mas não, é neurótica enquanto porra louca. Isto faz enorme diferença, pois ficamos sem saber por onde abordar cada um.

Nosso país é uma piada. Ao mesmo tempo que tem virtudes que outros não têm, que são altamente nossas, por outro lado é uma vergonha. Basta olhar a história de nossa República. Tínhamos um imperador refinado, culto, inteligente, que foi tirado para colocarem uma porcaria como Deodoro da Fonseca. Depois dele, há coisa pior como Floriano. Só dois ou três foram presidentes respeitáveis: Prudente de Moraes, Fernando

Henrique Cardoso... É preciso saber em que país vivemos, pois temos virtudes imbatíveis, sintomas brasileiros ótimos para o século XXI. São meio massacrados, mas estão aí. E também temos essa joça que nos acompanha diariamente. É algo bipolar: dá um passo para cá e outro para lá. Ao ler autores contemporâneos que têm tratado do Brasil, vejo que não estão entendendo a situação atual de tentativa de entrar no Quarto Império, pois tomam um protocolo sociológico e discutem *faits divers*, ou tomam um protocolo histórico sem a visão de uma ideia como a nossa dos Cinco Impérios:



Não fazemos filosofia, sociologia, nada disso. Temos ferramentas psicanalíticas – quando conseguimos produzir alguma. Estamos saindo do Terceiro para o Quarto Império. O Segundo ainda está de retrocesso. O problema do Quarto Império é da mesma natureza daquele do Segundo: são Impérios de passagem (um, para o 2Ar, e outro, para o Or). Não estávamos presentes ao Segundo – embora, quanto a inúmeros aspectos, ainda estejamos nele (pois os Impérios não acabam) –, mas suas remanescências estão aí hoje. Deve ter sido uma passagem bem

difícil, deve ter demorado milênios para entrar no Segundo – e, depois, para conseguir sair dele. Já estamos mergulhados no Quarto Império, o que não significa que ele funcione para todos os grupos. Vemos que esses Impérios divididos entre duas posições puxam para dois lados. Sua tendência é ficar num jogo de força de cordas tensionadas para cá e para lá. Se conseguirem sair, irão para adiante. Aí teríamos efetivamente o Quarto Império. Chamo-o de Oespírito por ser a ideia contemporânea, técnica e tecnológica, de que tudo é redutível à Informação, ao *soft*. E o *hard* tem que obedecer ao *soft* que, este, é completamente doido. Ser doido significa não ter amarras definitivas. Então, onde amarrar meu burro?

Neste momento, a perspectiva é de cinquenta anos de conflitos violentos, e de duzentos até o Quarto Império conseguir se implantar como tal. O que podemos entender é que ele é um Império dilacerado entre dois, o Terceiro e o Quinto. Como já lhes disse inúmeras vezes, a maioria em todo o mundo está apavorada, pois qual é o parâmetro no regime d'Oespírito? Efetivamente, se o entendêssemos, seu parâmetro seria a *entrega aos processos de disponibilidade*. Aqueles vivos neste momento não têm condições de suportar isto. Uma meia dúzia consegue, mas a extensa maioria, em sua vida, corre para trás, para o Terceiro: recrudescências de religiões, de ideologias idiotas... Preferem isso à loucura que supõem acontecer se abandonarem

o parâmetro anterior. O que fazem é, então, reforçar este parâmetro.

Entretanto, há uma minoria que tem mais força. Não por pensar melhor, e sim por produzir coisas dissolventes. Ou seja, a minoria está *produzindo* a dissolução. E se a deixarem produzir, vai dissolver. É preciso, então, esperar morrer essa gente toda, essa velharia. Por isso, falei em duzentos anos, quando todos os vivos hoje estarão mortos. Aí começa a entrar uma gente muito especial. Tenho um pequeno exemplo em minha casa. A pessoa que lá trabalha tem quarenta anos de idade e, além de já ser avó, tem uma filha de três. Vi esta menina com o telefone móvel da mãe fazendo tudo, manejando-o com uma desenvoltura que não tenho. Não sei fazer aquilo que ela faz. Quando penso o que possa ser a cabeça de alguém como ela, lembro-me de McLuhan: *o meio é a mensagem*. Esse troço produzirá em sua cabeça uma sintomática tal que aquela do Terceiro Império não mais conseguirá invadir, mesmo que ela, a criança, queira. A família pode querer catequizá-la, pode ser de classe baixa, mas não adiantará, pois essa nova sintomática invadirá tudo. Isto porque ela vai funcionar no mundo já segundo esse novo modo, que é dissolvente. Há, pois, que passar esse tempo, esperar morrerem essas gerações, as cabeças irem se transformando e, lá na frente, não teremos mais as pegadas de hoje. A sintomática será esta, e não a ideologia. Esse é o Quarto Império, Oespírito, em que tudo é

jogo de significação, de linguagem... Vai-se, então, lidar com o Primário mediante o Secundário.

• P – *Supondo que esse correr para trás também terá ocorrido na implantação do Segundo Império, pergunto sobre a diferença em relação ao Quarto Império. Não é mais difícil enfrentar o movimento reativo de tentar voltar ao Terceiro Império, pois o que temos consolidado, sedimentado, em termos de formações culturais é muito maior do que aquilo que havia no Primeiro Império?*

As consolidações do Secundário são hoje uma carga enorme. Faço a suposição de que a passagem de Primeiro para Segundo Império tenha demorado milênios, que tenha havido muita porradaria, muita confusão. Como disse antes, não vimos acontecendo, vimos isto consolidado em segundos impérios muito recentes.

• P – *Você diria que chegamos muito mais rápido ao Quarto Império se compararmos com o tempo de percurso do Primeiro ao Segundo Império?*

Sim. Hoje, ao mesmo tempo que há mais forças regressivas, há também mais forças dissolventes. Tenho a impressão de que é uma questão de tempo: o vetor do Quarto Império vencerá. Não se vai parar a tecnologia, pois ela dá muito tesão. Então, uma massa vai morrendo e a garotada que vai nascendo nunca mais será igual a mim. Para a massa retrogressiva que vemos aí hoje

nada adianta, psicanálise ou qualquer outra coisa. Aquilo está consolidado de tal modo que só resta chamar a morte para dar jeito.

• P – *Como o Brasil suporta tanta psicopatia no poder?*

É o vigor do império cristão, que aprendeu de Roma. A mentalidade nuclear do Império Romano é de Segundo Império. Como aquele pessoal aturou um Calígula? Repito, a mentalidade de cada um lá é Segundo Império, é: o Pai – e ninguém ousa mexer. Foi preciso haver uma decadência, começar tudo a se desmembrar, a invasão de várias seitas (não apenas do cristianismo ou de apenas um modo de ser cristão) e o imperador, que estava com medo, escolheu uma das seitas, a que parecia mais rentável. Investiu nela e inventou um Terceiro Império cristão, que é algo terrível. Minha aposta é que, se deixassem nas mãos de Julio Cesar, se aqueles imbecis da história romana não o tivessem matado, ele se encaminharia para um Terceiro Império leigo. Ele estava segurando o império, e não uma república, mas seu jeitão era de arrebentar. Basta lembrar do *De Bello Gallico*, que eu era obrigado a ler e decorar na escola, para ver que ele estava puxando para o Terceiro Império. Como o assassinaram, tivemos que aturar o império cristão no Ocidente, que é uma bosta. Com Julio Cesar teríamos uma quebra sucessiva do patriarcalismo romano exagerado e a invenção do império dos irmãos sem Cristo. Ele era competente

e sabia que acreditar no Rubicão era coisa de romano de Segundo Império. A tradução brasileira de *alea jacta est* é: Rubicão é o caralho! Calígula, um garoto imbecil, doido, psicopata (morre aos vinte e sete anos), Heliogábalo e Nero faziam o que queriam num império cuja ideologia não permitia ação alguma contra eles. Era um terrível princípio de obediência igual o da Idade Média, em que o Senhor tinha até o direito de desvirginar as donzelas no dia do casamento.

A situação atual, então, é uma maioria correndo para trás e uma formação puxando para a frente. Como a maioria corre para trás, mas não quer deixar de usar a tecnologia, a tecnologia ganha. Eles não abrirão mão da tecnologia para serem de Terceiro Império. Ontem mesmo, tivemos no país a guerra da sexta-feira negra, a *Black Friday*, em que multidões se digladiavam para comprar coisas. É isso: Roma dava pão e circo, hoje dão show e computador. A tecnologia já está dissolvendo há bastante tempo. E mais, acreditamos que temos autonomia, que pensamos, mas somos apenas uns bonecos: a maior parte de nossas ações é predeterminada, marcada. Com certo esforço de criação, com aposta no Revirão, cai-se fora um pouco. Em geral, o que há são pessoas com uma determinação tal que não se dissolve, que não entendem que elas não falam, que são faladas, como dizia Lacan. Ficamos, pois, com a doce ilusão de estar escolhendo coisas, mas, quando se consegue fazer isto, é muito



pouco. Perceber que estamos sendo agidos por formações já é um avanço enorme. Aí, é possível procurar se, além disso, usamos um pouco o Revirão, se damos algum passinho. As coisas têm quase nenhuma coerência, é tudo uma loucura. Basta ler muito filósofo importante para ver o quanto estão perdidos, mesmo tendo inventado uma razãozinha nova.

Por outro lado, a época é muito interessante. Aqueles vivos daqui a duzentos viverão uma época mais descrente, mais à vontade, disponível – *e debaixo de mais porrada*. Democracia é algo que está acabando, é algo grego demais para nós. Será necessário inventar um sistema muito duro, férreo, para segurar o conflito da diferença extrema. Uma rigidez junto com uma disponibilidade total. Como será? Não sei.

• P – *É de se notar que as obras de ficção, chamadas de distópicas, apresentam um futuro em que existem sistemas de contenção muito pesados. Só que isto é geralmente visto como sendo, lá no futuro, um processo regressivo, que terá dizimado a questão democrática.*

Fizeram grande esforço para a democracia existir, mas nunca existiu – e, visivelmente hoje, terminará em breve. Só é possível a suposição de um final de Quarto Império e começo do Quinto com um processo *soft* de alta disponibilidade e a invenção de um sistema rígido de contenção dos conflitos. E isto não é regressivo. Não é imposição de algum grupo, de uma pessoa, de

um imperador ou de uma oligarquia. De dentro virá a necessidade da articulação de um processo repressivo com o qual se conviverá bem desde que não se atrapalhe os outros.

• P – *Você falou que o momento do Quarto Império é a quebra de qualquer contenção...*

...das atuais. As referências atuais morrerão todas, mas não a contenção. O novo e rígido sistema de contenção não afetará as pessoas, pois elas não mais serão os estúpidos de hoje e terão disponibilidade para entender. Dou um exemplo pseudo-pragmático. Se alguém tem a mente de um matemático, está absolutamente em contenção de acordo com as possibilidades de regra da matemática. Não será a vontade de alguém, e sim algo retirado – e os computadores aí estão para que isto seja feito – da própria conjuntura. Ela oferecerá um sistema de contenção que é leve. Não é difícil a um teórico obedecer radicalmente aos princípios que regeram sua invenção. Ele está contido, mas é um divertimento. Já lhes disse que alguém não é o produtor de uma teoria, é a teoria que o produz. Ele está obediente. Já uma pessoa imbuída de ideologia fica em pânico só em ouvir isto. Mas observem que se trata de um uso de tudo que ninguém está impondo, a coisa é que está se impondo. Para mim, está tão na cara que o movimento está indo nessa direção.

## 2

• P – *A questão da Ficção é antiga em sua obra. Trata-se da Ficção, como você escreve. Mais que isto, você enfatiza o quanto uma ficção entra em processo de decadência até sua conaturalização como reificação violenta...*

A pessoa fica empedrada numa ficção.

• P – *...em outro momento, você diz que, nesta nossa espécie, é forte a tendência de acoplar o que é da ordem do Ser ao Haver. Você diz também que isto funciona como um processo de psicotização. A tendência sendo de eliminar a disjunção que há entre um e outro. A tarefa da psicanálise seria, então, de permanentemente lembrar esta disjunção?*

É a paz do animal. As pessoas querem ser felizes, e não pensar que esse acoplamento é impossível.

• P – *Depois de ler a extensa Introdução da Filosofia do Como Se, de Hans Vaihinger, faço um comentário provisório e uma pergunta. Tive a impressão de que a posição de Vaihinger é ainda antiga quanto à ideia de ficção. Como estava atravessado por Nietzsche, pela questão da interpretação, ele apenas vê um lado da ficção, aquele da ordem de uma formação falsa. A consideração atual não pediria um passo a mais como a ideia de um Artificialismo Total, na conta de sua positivação como Ficção? Isto porque se de fato é Ficção não é preciso*

*distinguir entre ficções mais ou menos fictícias, melhores ou piores.*

Não se sabe onde está a fronteira. A diferença é funcional. O fato de alguém escolher uma ideologia ou uma teoria já é uma besteira. Diante de um problema, a solução é *ad hoc*, há que buscar a peça que melhor se encaixe. Com isto, acaba qualquer fanatismo do tipo ser lacaniano, ser da IPA, essas porcarias. Como, hoje, temos um enorme dispositivo computacional de pesquisa, maior do que qualquer pessoa, podemos com facilidade procurar a melhor ferramenta para resolver aqui e agora tal ou qual problema. Para outro caso será outra ferramenta. Lembrome de que recomendei a leitura do livro de Robert Nozick, *Anarquia, Estado e Utopia* (1974), em que ele dizia que uma filosofia coerente tem que dar conta de tudo. Vejam que o que digo é uma ideia antiga.